

**RESENHA:** SCHETTINI FILHO, Luiz. **Pedagogia da adoção: criando e educando filhos adotivos.** Petrópolis: Vozes, 2009.

Luíz Schettini Filho nasceu em Garanhuns, Pernambuco. Tem formação acadêmica em psicologia, filosofia e teologia. É professor de psicologia da educação na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Trabalha como psicólogo clínico há 4 décadas, atendendo crianças adolescentes e seus pais. É pai adotivo e já atendeu filhos adotivos que hoje são pais. É autor de vários livros sobre psicologia da educação, psicologia da adoção e relações interpessoais. Os dois primeiros livros que publicou sobre a adoção, em 1998, pela Editora Bagaço, foram: *Compreendendo o filho adotivo* e *Compreendendo os pais adotivos*. Estes deram início a uma bibliografia especializada na área da adoção. Entre suas publicações mais recentes, pela Editora Vozes, estão: *Pedagogia da ternura* e *Pedagogia da adoção: criando e educando filhos adotivos*. Esta última será aqui resenhada.

A obra contém 107 páginas e está organizada em 17 capítulos nos quais o autor aborda, com muita propriedade, sob o ponto de vista psicológico, as principais questões básicas relacionadas com a criação e educação de filhos adotivos que é seu foco central. Apresenta alternativas de convivência familiar dentro de um contexto educacional adequado. Discute o “momento pedagógico” tentando oferecer uma compreensão humanística ao processo de ensino aprendizagem mais próximo da criança e adolescente com história de adoção. Trata-se de abordagem psicológica e pedagógica com reflexões profundas baseadas em sua longa experiência profissional e pessoal. Começa questionando uma pedagogia da adoção e finaliza com o espaço pedagógico. A seguir serão relatadas as principais idéias contidas em cada um dos capítulos considerados mais importantes pela resenhista.

No primeiro capítulo, por que uma pedagogia da adoção, o autor oferece uma visão panorâmica da obra enfatizando questões relativas à família de origem, a peculiaridade histórica, aos momentos pessoais de desenvolvimento que nortearão os processos educativos. Termina afirmando que criar e educar filhos, tanto no âmbito da adoção quanto no da filiação biológica, será sempre uma ação seguida de prazeres e dores.

Tratando da singularidade da história pessoal, Schettini afirma que a singularidade de cada um indica a riqueza da pessoa que somos. A conjugação de nossas semelhanças e diferenças constitui o nosso patrimônio pessoal. O amor na relação parental resulta do conjunto das singularidades de pais e filhos. A singularidade assume maior relevância sob a ótica do filho adotivo, pois sua origem biológica não desaparece de sua história pessoal com o estabelecimento da “parentalidade” afetiva. Considera também que o respeito à história pessoal é o caminho da harmonia comum; e o respeito a tudo que é singular no outro é o começo da pluralidade da existência.

No capítulo seguinte, os momentos pessoais do desenvolvimento, o autor afirma que não somos as pessoas que fomos e nem as que almejamos ser; somos aquelas nas quais estamos nos transformando. As mudanças que alteram nossa configuração pessoal são momentos pessoais de desenvolvimento. É preciso perceber o momento do desenvolvimento do filho para ter condições de criar e educar. Oferecendo caminho

## RESENHA

existencial adequado, segundo cada individualidade, evitará sofrimentos desnecessários. Recomenda muita atenção aos momentos dos filhos que chegam por adoção, pois só conhecemos sua história em parte e por nosso julgamento e interpretação.

O capítulo sobre a impotência e a filiação adotiva, afirma que a adoção aparece no cenário da comunidade familiar em decorrência de não poder procriar de uns e de não poder criar de outros. Ao referir-se à escolha bilateral, entende que a decisão de adotar não conclui o processo de consolidação do vínculo afetivo entre pais e filhos adotivos. Há necessidade de um tempo pessoal para a criança chegar a “aceitar a aceitação”. A criança precisa de um tempo para concordar com uma decisão que, inicialmente, foi unilateral. É a interação afetiva que possibilitará a conjunção do escolher com o ser escolhido.

Comentando sobre a família extensa e o processo adotivo, ele lembra que a integração da família extensa (avós e demais familiares) no projeto adotivo poderá evitar uma luta desnecessária para defender os filhos adotados diante da parentela distante. As marcas genéticas não se sobrepõem as afetivas. A criança adotada não é diferente da que permanece com os pais de origem. Ela mantém a singularidade existente em cada pessoa.

No capítulo, a transposição dos vínculos afetivos, Schettini explica que para entender os seres humanos temos que aceitar os vínculos afetivos (não só amorosos). Nos momentos de mudança há transposição dos vínculos afetivos. As mudanças fazem parte da dinâmica da vida e ao ocorrer alteram emoções e sentimentos. Um dos momentos mais delicados da experiência humana é quando somos impelidos a viver transições afetivas; os vínculos afetivos que se rompem precisam ser recompostos mesmo com pessoas diferentes, em épocas distintas.

Considerando as expectativas inibidoras ele comenta que, na criação e educação de filhos, alguns pais estabelecem expectativas divorciadas das singularidades do filho, visando satisfazer os desejos e fantasias materno/paternais. Tentar fazer do filho um vencedor, poderá inibir o que naturalmente ele buscaria.

Sobre as aprendizagens básicas à subsistência, o autor lembra que nascemos com as estruturas necessárias à sobrevivência no ambiente que nos é próprio. Porém, no ser humano o desenvolvimento é extenso e “ilimitado”... As ligações afetivas com as pessoas serão determinantes de outras aprendizagens, oferecendo suporte para a vida psicológica saudável.

Referindo-se à aprendizagem e confrontação com o novo, ele observa que estando vinculada à busca do novo, a escola é o ambiente por excelência para a criança expressar sintomas de incômodos não resultantes diretamente da proposta escolar. Muitas crianças escolhem inconscientemente a área escolar para manifestar um sintoma. Provocam uma resistência a enfrentar o novo, que interpretam como ameaça. Para enfrentar o desconhecido o indivíduo precisa se apoiar em pessoas confiáveis, consistentes. A relação de confiança é suporte indispensável para que a criança possa se lançar ao desconhecido sem grande carga de ansiedade e assim suportar os momentos de transposição do conhecido para o desconhecido. Adolescente adotado que já carrega a angústia de enfrentamento novo pode mergulhar na busca de situações de risco

## RESENHA

tentando provar sua capacidade de enfrentar ameaças maiores que os desafios escolares. Assim, frustram as expectativas de pais e professores em atitude de agressão por não lhes depositarem confiança.

Com relação ao momento pedagógico, o autor comenta que os pais demonstram grande preocupação em educar os filhos para a vida, mas confundem essa idéia com normas e regras para moldar o comportamento dos filhos, conforme preestabelecido pelo grupo familiar.

No capítulo as dores e os prazeres da adoção, o autor explica que não há vida isenta de dor física ou psíquica. Tanto a dor física quanto a psíquica, que desarticula a estrutura afetiva, pode ser insuportável. A desarticulação afetiva pela rejeição e pelo abandono nos deixa desguarnecidos e vulneráveis a sofrimentos como: o medo, a angústia, a depressão, fragilizando o sentido da vida. As dores da vivência afetiva são pessoais, singulares merecem respeito e esperam lenitivo reconstituente.

Toda nova ligação desperta a lembrança de ligações anteriores, abrindo espaço para reviver o sofrimento da ausência. As relações afetivas com os pais adotivos constituem alento para o filho, mas necessitam apego afetivo para preencher o vazio da perda do vínculo de origem. As vivências significativas que compõem nossa biografia não desaparecem da nossa história pessoal já que as experiências humanas são cumulativas. Neste sentido, Schettini adverte que os pais não podem desistir do seu estado de prontidão afetiva. São responsáveis por outrem mesmo quando lhe aborrecem ou perseguem. Precisam estar atentos às diferentes possibilidades de dor para ajudar os filhos a não sofrerem desnecessariamente.

Há peculiaridade na pedagogia da adoção. Como em todo processo educativo será necessário estimular, exigir e esperar resultados. Porém, atentar para o que está subjacente às nossas expectativas e ao desejo do filho. O encaminhamento afetivo não exclui firmeza e determinação, segurança e tranquilidade, que são elementos pedagógicos eficientes para conduzir a criação e educação dos filhos.

Referindo-se ao espaço pedagógico, o autor afirma não existir pedagogia fixa e imutável aplicada a pessoas singulares. A pedagogia deve levar em conta as marcas das diferenças e os momentos individuais de desenvolvimento. Os três componentes do triângulo pedagógico são: o educando, o educador e o objeto a ser ensinado. Na conjunção desses três elementos se consuma a ação pedagógica. A educação dependerá do sucesso da ação coordenada desses elementos.

As pessoas são diferentes e vivem momentos peculiares de crescimento e desenvolvimento. Portanto, não são eficazes as formas criadas e preparadas em laboratórios, aplicadas indistintamente. O sucesso na ação pedagógica dos pais será reconhecido quando, progressivamente, eles deixarem de ser necessários aos filhos.

Entre as obras sobre adoção escritas por Schettini, Pedagogia da adoção não é a de mais fácil entendimento. Apresenta muitas idéias de grande valor que vão sendo aprendidas à proporção que se repete a leitura. O autor chama a atenção insistentemente para a história do filho adotivo que abriga perdas da transposição de vínculos afetivos que devem ser supridos com o acolhimento adequado, sem atitude super-protetora ou super-exigente. Afirma não haver diferença na educação para o adotivo e o não-adotivo, mas a

**RESENHA**

peculiaridade de sua história deve ser levada em conta, evitando sofrimentos desnecessários.

O autor discute questão cultural/psicológica relacionada ao preconceito, tanto contra o filho adotivo, sendo considerado inferior ao biológico (quando a real diferença está em sua história de vida), quanto contra as mães biológicas que entregam seus filhos para adoção, evitando não deixá-los abandonados. A rejeição não é um fenômeno generalizado na adoção. Nem todas rejeitam seus filhos, existindo, inclusive, crianças órfãs de mãe, para serem adotadas...

A obra tem grande mérito. Trata-se de mais uma significativa parcela na contribuição que o autor vem oferecendo como bibliografia especializada na área da adoção. Quando começou a escrever sobre o tema havia real lacuna que suas reflexões tornadas públicas vêm suprindo satisfatoriamente.

O estilo é simples, objetivo e conciso. Não apresenta impessoalidade. Ele escreve utilizando a primeira pessoa do plural.

A obra é indicada para profissionais e estudantes de psicologia, para professores e para pais adotivos que possuam bom nível de escolaridade.

**Resenhista:** Professora Eunildes Gonçalves Santos: Mestre em Administração Pública pela EBAP/FGV – RJ; Doutora em Sociologia pela UNB; Prof<sup>a</sup> do Grupo Projeção nas disciplinas: Sociologia, Sociologia da Educação e Orientação de Monografias.

**Recebido em: 15/02/2011**

**Aprovado em: 20/03/2011**